



FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 7 JUNHO 2021 - 19H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (entrada livre)

NIÁGARA

Título original: Niagara

Realização: Henry Hathaway (EUA, 1953)



NAS CATARATAS DE NIÁGARA

Há filmes que nos marcam sob diversos pontos de vista. Há uns tempos atrás, numa sessão no velho Quarteto, encontra-se sentado à minha frente um jovem casal que às tantas meteu conversa e nos confessou que visitava Lisboa depois de ter visto, “A Cidade Branca”, de Tanner. Quando visitei Paris, não deixei de ir à margem do Sena onde Gene Kelly dançou com Leslie Caron, em “Um Americano em Paris”, em Londres não deixei de visitar as casas de Dickens e Sherlock Holmes, além de vários locais que foram cenários de filmes, em Barcelona passei por diversos lugares que já conhecia do cinema, sobretudo do “The Reporter”, de Antonioni, e por aí fora. No Brasil, no Rio e em São Paulo, e nalgumas outras cidades do interior, também não me esqueci de revisitar cenários de filmes que me seduziram. Uma vez por outra, não ia à procura deles, e surgiam-me frente aos olhos, tal como os tinha visto no ecrã.



Creio que foi nos idos de 90, logo no início, que fui convidado a ir a Toronto apresentar a “Manhã Submersa”, numa universidade, onde se misturavam alunos do Canadá e estudantes de português. Toronto é uma cidade muito interessante, estive lá dias antes do Natal, as

ruas estavam festivamente engalanadas e o frio era muito. Descobri que por aqueles lados habita uma enorme comunidade portuguesa, o que não será de estranhar pois esta é a cidade de maior diversidade étnica do mundo (ao que consta). É uma das maiores cidades, com uma população de mais de cinco milhões de habitantes e foi considerada uma das melhores para se viver. O ambiente é realmente calmo e acolhedor, o campus universitário encontra-se bem no centro da cidade, ladeado

por jardins onde os esquilos se multiplicam (e se atrevem a atravessar as avenidas, nem sempre com bons resultados).

Contaram-me que a designação da cidade significava “ponto de encontro” na língua indígena. Parece que ainda hoje faz jus à designação. É realmente uma cidade buliçosa, com muita actividade, mas tudo correndo numa calma, pelo menos aparente, onde se misturam história e modernidade, cultura, negócios, artes e espectáculos. Visitei um ou dois museus (nomeadamente o Art Gallery of Ontario e o Royal Ontario Museum), muito recomendados, não deixei de ver a que era considerada à época a mais alta estrutura vertical livre do mundo, a famosa CN Tower, passei pelo City Hall, o bairro de Chinatown e um bairro, de que infelizmente não recorro o nome, onde viviam muitos portugueses. A cidade tem avenidas espectaculares, a Queen Street West, a Yorkville Avenue ou a Bloor Street, onde se toma café e se aprecia a passagem de modelos. Não deixaram de me levar ao que era tido como um dos mais belos e maiores centros comerciais do mundo. O nome não recorro, lembro um espaço soberbo, com decorações natalícias para todos os gostos (e óptimo local para comprar prendinhas para quem ficou em Lisboa).

A universidade era um local muito aprazível, as conversas foram animadas e reconfortantes pelo interesse dos muitos estudantes, e num dia sem compromissos de maior, apanhei um bus e fui fazer o gosto ao meu lado cinéfilo: visitar as cataratas de Niágara e tentar descobrir vestígios da pérfida Marilyn Monroe, do filme de Hathaway. Ao contrário de algumas vozes, acho o desempenho da Marikybn notável neste filme, acho a obra um filme negro tardio e “a cores” magnífico, e o cenário onde decorre essa história de amor, traição e crime absolutamente fabuloso.

Foi, pois, com enorme excitação que me aproximei de autocarro desse monumento criado pela natureza num rasgo de som e fúria. A majestosa curva de terra que encima as cataratas donde brotam em golfadas toneladas e toneladas de água, precipitando-se de forma brusca de uma altura considerável é um espectáculo único. Inesquecível. O cenário perfeito para um filme de paixões exacerbadas.

NIAGARA

Depois de ter passado por várias comédias, entre 1952 e 1953, que fizeram de Marilyn Monroe uma das maiores estrelas do cinema norte-americano de todos os tempos, é altura de se descobrir a atriz num registo bastante diferente: “Niagara”, de Henry Hathaway, foi rodado ainda em 1953, mas desenrola-se num clima de drama sentimental e suspense que permite a Marilyn Monroe desenvolver um tipo de abordagem diferente, em relação às personagens de comédia que até aí a tinham notabilizado, em “A Culpa foi do Macaco”, “Os Homens Preferem as Loiras” ou “Como se Conquista um Milionário”.



Se recordarmos de relance toda a filmografia de Marilyn Monroe veremos que a atriz interpretou quase sempre diversas variantes de uma mesma personagem: uma rapariga algo ingénua, mesmo quando se faz passar por caçadora de milionários, de uma pureza quase imaculada, apesar da generosidade dos seus movimentos de ancas, sedutora e irresistivelmente atraente, mas de um comportamento isento de maldade. Em “Niagara”, tudo isso desaparece por detrás do retrato de uma mulher extremamente perversa, calculista, que se serve de todos os argumentos para atingir os fins em vista. É, por isso mesmo,

um filme único na carreira da actriz, e, atrevemo-nos a dizê-lo, uma das suas grandes representações em cinema. Será o seu filme mais inquietante, e igualmente um dos seus trabalhos mais fascinantes, precisamente pela complexidade psicológica da figura que compõe com uma subtileza de processos e um vigor no resultado verdadeiramente notáveis. Isso deve-se muito ao talento de Marilyn Monroe, como é óbvio, mas também à direcção de Henry Hathaway, que julgo assinar aqui uma das suas obras-primas.

Henry Hathaway é um realizador que demonstrou bem ao longo da sua carreira algumas das muitas qualidades, desde a eficácia e solidez do seu trabalho até ao lirismo intenso com que marcava dramas, westerns, aventuras ou policiais.

“Niagara” vem apenas confirmar essa ideia, desenvolvendo-a, se necessário fosse.

Veja-se como Hathaway, com uma brilhante economia de meios, nos oferece retratos inesquecíveis de personagens que em meia dúzia de planos se nos apresentam na sua complexidade.

As primeiras imagens definem, de forma fulgurante, as figuras interpretadas por Marilyn Monroe e Joseph Cotten: ele, submergido pela força avassaladora das cataratas de Niagara, hesitante e amedrontado; ela, sensual e despreocupada, calculista e fria. O casal que com eles se cruza no motel, está também desenhado de forma perfeita. Tudo em dois ou três planos, duas ou três frases aparentemente insignificantes. É o talento de Hathaway no seu melhor período.

Depois atente-se ainda na forma como o realizador envolve estas personagens numa teia de luz coada através das persianas, construindo assim uma prisão donde ninguém se libertará. Esse jogo de luzes é prolongado pela maneira como Hathaway se serve ainda das escadas nas sequências finais, e, sobretudo, pela utilização dramática das próprias cataratas de Niagara.



Extraordinário exercício de cinema, brilhantemente escorreito e linear, servido por uma fotografia notável e por uma iluminação de todo em todo invulgar, nela sobressaindo os rostos por entre as penumbras dos quartos, este “Niagara” é ainda um belo pretexto para opor o calor sensual e obsessivo de Marilyn Monroe ao fragor das cataratas em fúria.

Um filme de amor, onde o desejo cresce, indomável como as águas (elemento erótico por excelência) que, da serenidade da nascente, se deixam depois atravessar por correntes imperceptíveis aos olhos, mas que

conduzem o curso ao trágico desfecho. Amor e morte de novo reunidos, incendiados aqui pelo corpo de Marilyn.

Um filme admirável, muito próximo do “filme negro” (apesar deste ser num colorido deslumbrante) que fará as delícias de todos os entusiastas de uma certa maneira americana de filmar, no seu período clássico, de que Hathaway é aqui um excelente exemplo.



NIÁGARA

Título original: Niagara

Realização: Henry Hathaway (EUA, 1953); **Argumento:** Charles Brackett, Walter Reisch, Richard L. Breen (história); **Música:** Sol Kaplan; **Fotografia (cor):** Joseph MacDonald; **Montagem:** Barbara McLean; **Direcção artística:** Maurice Ransford, Lyle R. Wheeler; **Decoração:** Stuart A. Reiss; **Guarda-roupa:** Dorothy Jeakins; **Maquilhagem:** Ben Nye; **Assistentes de realização:** Gerd Oswald, Jack Sonntag; **Som:** W.D. Flick, Roger Heman Sr.; **Efeitos Especiais:** Ray Kellogg; **Produção:** Charles Brackett;

Intérpretes: Marilyn Monroe (Rose Loomis), Joseph Cotten (George Loomis), Jean Peters (Polly Cutler), Max Showalter (Ray Cutler), Denis O'Dea (Inspector Starkey), Richard Allan (Patrick), Don Wilson, Lurene Tuttle, Russell Collins, Will Wright, Henry Beckman, Harry Carey Jr., Bill Coontz, Robert Ellis, Neil Fitzgerald, Gloria

Gordon, Winifield Hoeny, George Ives, Arch Johnson, Lester Matthews, Sean McClory, Norman McKay, etc.

Duração: 92 minutos; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Distribuição em Portugal (DVD e Blu-ray):** Fox Filmes.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 2021

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre)

AS PORTAS DO PARAISO (Heaven's Gate), de Michael Cimino (EUA, 1980), com Kris Kristofferson, Christopher Walken, John Hurt; 325'; M/ 12 anos. Legendas em espanhol.